

A CIRCULARIDADE DAS MULHERES NA CONSTRUÇÃO DE NOVOS ESPAÇOS DE VIDA

Relato de uma experiência

Rosa Marga Rothe e Cibele Kuss

As referências bíblicas promotoras de inclusão para as mulheres são espelhos cujos reflexos podemos seguir no cotidiano da vida, hoje. Também as referências to-lhedoras indicam a necessidade da subversão do sistema e da lógica de quem manda, quem fala, quem faz, quem aprende, quem tem direitos fundamentais. Quem é quem? Precisamos saber.

“Durante a instrução, a mulher deve ficar em silêncio, com toda a submissão. Eu não permito que a mulher ensine ou domine o homem. Portanto, que ela conserve o si-lêncio” (1Tm 2,11-12). Denunciar os fundamentalismos e as manipulações da religião significa redefinir o movimento nas nossas relações, com corpos que se tocam, se olham, se ajudam, se diferem, se amam e se horizontalizam na circularidade da vida. Não podemos viver sem a presença fortalecedora de mulheres que circularam e circu-lam nas comunidades, igrejas e movimentos sociais, transmitindo experiências e jeitos de amar e trabalhar, jeitos de Lídia, de Febe, Marta, Susana, Priscila, Marias, Sa-maritana, Raimundas e tantas visionárias desbravadoras de ontem, hoje e amanhã.

Circular nos espaços plurais da vida requer alternativas de movimentos, resistên-cia e solidariedade e muita insistência, pois é sim possível descobrir vida e movimento de mulheres nos escombros e “sob os entulhos das práticas e ideologias patriarcais”¹.

O jeito e a ginga das mulheres circularem pela vida no livro de Atos é um entre tantos movimentos para aprender de novo, repetir com novo sabor, fazendo e renovan-do os círculos nas comunidades. Como Lídia e suas parceiras, vamos nos encontrar às margens do rio (At 16,11-15), reaprender a comungar com a natureza, olhar e sentir o movimento da água e a formação da vida. Vamos tingir a vida de novas cores, reavivar a fê com a imaginação e o sentimento versus a tradição que sempre diz como tem que ser. Vamos oferecer/abrir nossa vida/casa para o diálogo livre de fundamentalismos, repleto de criatividade e novos experimentos. Priscila e Febe viveram a casa e a vida como espaços de proteção, acolhida, encontro, solidariedade e risco (Rm 16,3-4). Casa aberta, sinal de comunhão. As mulheres inauguraram jeitos e espaços novos, às margens do rio, em casa, nas malocas e nas configurações inclusivas de suas experiências de liderança e formação comunitária, com diálogo, diaconia, ensino, corporeida-de, em círculos de existência. Partilhamos a seguir, a experiência da formação da paró-quia luterana em Belém, pensada, sentida e circundada por mulheres, desde sua funda-

1. DEIFELT, Wanda. *Gênero e Teologia. Interpelações e perspectivas*, p. 183.

ção aos dias de hoje. A contadora dessa história, Rosa Marga Rothe, faz uma memória da experiência circular de diálogo e comunhão.

1. Apresentando a Paróquia de Confissão Luterana em Belém

Quem conhece as comunidades da IECLB, fica admirada/o ao conhecer a Paróquia de Confissão Luterana em Belém. O primeiro espanto é com o formato redondo da capela multiuso, onde todas/os podem ver e tocar-se. A idéia de construir novas relações e uma comunhão circular e horizontal definiu o movimento da paróquia luterana em Belém. O formato redondo, acolhedor e includente foi concebido por três mulheres que se inspiraram nas malocas de origem afro-indígena. O desafio do projeto arquitetônico foi aceito por um arquiteto dedicado à integração das construções com o ambiente climático e cultural da Amazônia. A adaptação do projeto artístico às condições econômicas da comunidade foi objeto de muita discussão permeada de conflitos.

Freqüentada por muitas/os jovens, desempregadas/os e pobres, nem todas/os são membros e dos membros poucas/os estão em condições de contribuir financeiramente. Mas o que mais costuma chamar a atenção de visitantes é a cor morena, os cabelos e os olhos escuros dos que ali se apresentam como luteranas/os. Bem poucas pessoas, oriundas do Sul, da Alemanha e Suíça, são louras, de olhos azuis e falam alemão. Belém tem uma comunidade luterana morena de “papa-chibés” nativas/os e adaptadas/os.

Na ocasião de cultos especiais, costuma haver apresentações teatrais ou de danças regionais. Os trajes de jovens artistas são sumários, cuja referência não é a cultura europeia mas afro-indígena, assim como o ritmo e os instrumentos musicais, predominantemente de percussão. Os corpos, acostumados à dança e à ginga desde o início da vida não temem o contato, por isso abraços e afagos fazem naturalmente parte de todas as atividades, inclusive dos cultos. Comida também é partilhada. Cada um/a (que pode) traz algo para o café da manhã, antes do culto, em datas especiais, ou mesmo para a reunião mensal do presbitério, após o culto. A partilha solidária também acontece em aniversários festejados coletivamente, recepção de delegações ou despedidas de visitantes, estagiárias/os e membros. O grupo de danças regionais, IAÇA, é muito requisitado. Dividido em: crianças, adolescentes e jovens, o grupo se apresenta de acordo com o evento, dentro e fora das comunidades e até mesmo em outras localidades, ou estados.

A equipe de intercâmbio facilita o contato com as comunidades parceiras e traduz para a comunidade local, e seus/as convidados/as, as diferenças culturais e os conteúdos simbólicos das outras comunidades, sejam elas da IECLB ou de outros países. Assim, numa “noite gaúcha”, os poucos membros de lá se sentem animados para, vestidos com seus trajes típicos, mostrarem como sabem fazer um bom churrasco. Na “noite suíça” também tem exibição de fotografias, relatos, muitas perguntas e obviamente, não pode faltar uma provinha do famoso chocolate.

Embora o estranhamento possa ter conseqüências negativas, como o afastamento de membros da IECLB que esperavam encontrar aqui uma réplica da sua comunidade de origem, a maioria tem demonstrado curiosidade positiva diante do estilo diferente de ser igreja luterana que valoriza a cultura do povo de região.

2. Um pouco de história

Em 12 de maio completam 19 anos desde que foi feito o registro no cartório da Paróquia de Confissão Luterana em Belém. Antes, porém, alguns alemães, inclusive o Cônsul, e um suíço, eram visitados esporadicamente, desde 1957 pelo Pastor Walter Schlupp, pastor em Salvador, depois por seu sucessor e outros pastores atuantes em Recife. A partir de 1969, o pastor Albrecht Baeske assumiu o pastorado de Recife, vindo 3 a 4 vezes por ano, visitar as 30 famílias de Belém, todas com nomes alemães, embora algumas esposas católicas, não participavam. O meu caso foi diferente, recém-casada com um ex-seminarista católico, funcionário do BNH, lotado em Belém, que participava ativamente no empenho de criação da comunidade luterana de Belém. Cheguei em Belém, em agosto 1969, na mesma época, em que o pastor Baeske assumia o trabalho em Recife e este passou a mandar antecipadamente, os convites para o culto, que eu entregava nos respectivos endereços. Os cultos eram então celebrados, na Igreja Anglicana, mas poucas/os apareciam. A maioria destes pareciam já não pareciam sentir falta de uma comunidade religiosa.

Com as perspectivas de mudança do Pastor Baeske para Vitória, o processo de transformação daquele grupo em comunidade corria o risco de interrupção. Por isso, em 1972, doze pessoas, primeiro os homens depois as esposas, exceto as católicas, assinaram uma carta, solicitaram à IECLB um pastor para Belém que "...teria a possibilidade de abrir novas frentes de trabalho eclesialístico (p. ex., ao lecionar na Universidade). Em abril de 73, o Secretário Geral da IECLB comunica que o pedido recebeu parecer favorável do Conselho Diretor e em janeiro do ano seguinte, o pastor Baeske, comunica que o Pastor-Presidente solicita sua opinião sobre os custos para manter o pastor solicitado. A tarefa de elaborar o orçamento foi repassada ao Antonio Francisco das Neves que comigo recebera a bênção matrimonial na igreja da IECLB no centro do Rio de Janeiro. O orçamento foi enviado em março 74 e em fevereiro 75 foi solicitado um reajuste, tendo em vista as condições familiares e econômicos do pastor interessado. O candidato não era luterano mas presbiteriano, então trabalhando em Tucuruí. Ele possuía uma casa modesta em Marituba, cidade vizinha, incluída na Região Metropolitana de Belém.

Uma série de dificuldades, tais como transporte, ausência de telefone, além de outras, foram elencadas pelo pastor que passou a receber, sem contudo assumir de fato o trabalho pastoral. Uma casa foi então comprada no bairro da Pedreira, em Belém, esta porém, não chegou a ser ocupada pelo pastor e sua família, mas veio a tornar-se a sede da embrionária comunidade, que se autodenominava "Núcleo da IECLB em Belém".

Convém lembrar que ainda estávamos em plena ditadura militar, na qual as igrejas, inclusive as evangélicas eram omissas, coniventes ou colaboradoras com o regi-

me. Outras, como as pentecostais se expandiam rapidamente graças à apologia aos militares e ao apoio financeiro recebido por políticos que ali ampliavam seu eleitorado durante os cultos. Logo percebemos que a marca “evangélico” havia sido esvaziado de seu conteúdo bíblico, para servir de identificação daqueles grupos ideologicamente afinados com a direita, o que resultava em vantagens materiais, financeiras, crescimento numérico e prestígio social. O grupo que compunha o Núcleo da IECLB em Belém, não queria ser confundido com esse tipo de “evangélicos”. E foi o que chamou a atenção do povo reunido nas inúmeras manifestações, quando alguns perguntavam se luterano não é também “protestante”, “evangélico” ou “crente”, como então estavam ali do lado de manifestantes e eram solidárias/os com as/os injustiçadas/os? Admiravam-se com o fato de não fugirmos quando a polícia chegava com sua notória truculência. Para descobrir mais sobre essas/es luteranas/os, até então desconhecidas/os várias pessoas e pequenos grupos se aproximaram para conhecer mais de perto a pequena comunidade. Algumas/uns quiseram participar dos trabalhos desenvolvidos na periferia, na alfabetização de adultos e treinamentos de monitoras/es de alfabetização pelo método Paulo Freire, para alavancar o processo de organização e conscientização, nos movimentos sociais, na Sociedade de Defesa dos Direitos Humanos e na articulação ecumênica.

E o Núcleo foi ficando moreno e mais feminino. Os/as luteranos/as antes visitados/as pelos pastores atuantes no Nordeste, não se interessavam em participar e eu pensava tratar-se de incompetência minha. Até que me dei conta que aquele modelo de comunidade luterana que eu trazia comigo de Teófilo Otoni, também não era possível reeditar em Belém. Então, parei de insistir com as/os luteranas/os constantes da lista de antigos nomes e, quem sabe, eles/as até ficaram felizes com isso. Por volta de 78 e 79, decidi aprender com as comunidades populares que freqüentemente me convidavam para auxiliá-las em algumas tarefas, como por exemplo redigir panfletos ou documentos, estudar e interpretar a Bíblia, organizar reuniões, falar com autoridades e outras atividades para as quais achavam que eu poderia contribuir. Considerei aquilo um aprendizado muito rico e tive o cuidado de, desde logo, tornar-me dispensável, à medida que incentivava um grupo de pessoas a exercitarem o trabalho proposto, enquanto eu ia recuando, cada vez mais para a retaguarda de apoio.

Em 1976 havia ingressado, via vestibular, no curso de Teologia, na Universidade Federal do Pará (UFPA). Logo em seguida, comecei a tentar uma sensibilização junto à IECLB objetivando a cedência de um docente para contribuir com esse curso de Teologia. Havia espaço e interesse na UFPA, mas quando finalmente veio uma resposta animadora, por volta de 78 ou 79, o curso estava sendo fechado.

Concluí o bacharelado e a licenciatura em dezembro de 79 e em início 80 comuniquei o fato à direção da IECLB, perguntando se haveria interesse em meus serviços frente à comunidade Belém, ainda sem pastor. Após alguns procedimentos um tanto demorados, acabei sendo aceita na categoria de “Pastora Auxiliar” e fui apresentada solenemente à comunidade local na sexta-feira-santa de 1981. Havia muito trabalho e os recursos eram escassos. Todos os dias experimentávamos o milagre da multiplicação dos pães. A casa pastoral, desde o início, tornou-se ponto de apoio, conforto e aco-

lhida. Militantes que vinham após um dia de “chá-de-cadeira” nas ante-salas de autoridades municipais ou estaduais, chegavam exaustos, antes de retornarem para suas casas, em bairros periféricos ou localidade interioranas. A horta cultivada em mutirão ajudava na alimentação e ao mesmo tempo se evidenciava como excelente meio pedagógico bíblico e cultural, onde o trabalho se tornava prazeroso e o resultado nutritivo para corpo, alma e espírito. Religiosos e religiosas também procuravam a casa pastoral e diziam que esta de fato era ecumênica, como deveriam ser todas as casa religiosas. A cozinha era o lugar onde a comunidade crescia. Crianças, adolescentes, jovens e adultos, em equipes de revezamento, faziam a comida e o pão, partilhados pelos colaboradores e visitantes, quase todos/as desempregados/as. Reuniões, festas e celebrações aconteciam na garagem, de 4 x 8m, aberta e coberta com telhas de amianto. Os cultos, com pré-dica dialogal, trouxeram à tona, alguns acontecimentos que não constavam em relatórios escritos, como este sobre a “multiplicação dos pães”: ao ser construída a Barragem de Tucuruí, surgiu o Movimento em Defesa da Vida, MDV, que em uma de suas ações deslocou-se para a cidade de Cametá, onde, conforme previsões plausíveis, iria ocorrer a salinização do rio Tocantins, quando as comportas da barragem fossem fechadas e o a água do mar avançaria em maior volume. Tal fenômeno já havia ocorrido na época de pouca chuva, resultando em problemas com a água potável e mortandade de peixes. Os/as jovens então conseguiram um barco e algum apóio para, em Cametá, alertar e mobilizar o povo. Após o primeiro dia, os suprimentos e o dinheiro já havia acabado. A metade do grupo havia conseguido uma sopa para o jantar. A outra metade, após inúmeras tentativas inúteis, mandou dois delegados para a casa do bispo. Ali chegando foram recebidos por um padre que ouviu o pedido e sumiu escada acima. Os dois famintos ousaram dar uma espiada na geladeira do bispo, donde subtraíram cada um uma salsicha devorada sorratamente no banheiro. Como o padre não retornava e sabendo como a fome também doía na barriga dos demais, decidiram pegar da geladeira uma enorme galinha resfriada. Enrolada na camisa de um dos delegados, a galinha foi preparada na cozinha gentilmente cedida por uma tia de um conhecido advogado. Acompanhada de arroz, farinha e todos os restos do almoço da casa, a ave do bispo alimentou cerca de 30 jovens, um dos quais contava a história naquele culto, como evidência da atualidade da bíblica “multiplicação dos pães”. Muitos anos depois confessei ao bispo de Cametá aquela apropriação indébita, ao que respondeu com uma boa gargalhada, pedindo-me em seguida para procurá-lo sempre que precisasse de hospedagem naquela cidade.

Após muitos obstáculos, minha ordenação aconteceu finalmente em 1987, sendo presenciada por representantes de outras igrejas, grupos ecumênicos e entidades populares. Na IECLB, havia sido difícil para a mentalidade masculina da época, aprovar a admissão, ao ministério pastoral, uma mulher desquitada, militante dos direitos humanos, envolvida com gente de esquerda, e por isso, rotulada “comunista”, cuja formação numa universidade federal apresentava lacunas quanto aos escritos confessionais luteranos. Admitiam, porém, que na teológica prática eu estava bem na foto. Os/as participantes da pequena comunidade em Belém e seus/as simpatizantes não se importavam com o gênero feminino, nem com a condição conjugal da pastora, por

consideraram isto mais identificação com sua própria realidade sócio-cultural. Para membros, amigas/os e parceiras/os da comunidade, a ordenação nada acrescentou, exceto o ritual presenciado, interpretado como testemunho corajoso de uma instituição eclesial que pratica o ministério pastoral feminino, algo ainda desconhecido por aqui. Outro fato, considerado corajoso, foi o pronunciamento do então Pastor Regional, Henrique Seick, quando disse que eu estava sendo ordenada para a Igreja de Jesus Cristo e, como tal, eu tinha não somente o direito, mas o dever da vigilância crítica frente a todas as instituições, inclusive em relação à IECLB, para que esta não se tornasse um fim em si mesma, mas instrumento de Deus.

3. A articulação ecumênica

Os contatos com colegas e professores/as universitários/as haviam contribuído com atividades comuns, de cunho ecumênico. O primeiro grande ato ecumênico, fora realizada em 1979, no ginásio de esportes da UFPa, por ocasião da morte do jovem, Cezar Leite, estudante de medicina, na sala de aula, por um disparo, dito acidental, da arma de um agente da Polícia Federal. Para alguns/as dos aproximadamente três mil presentes, a ousadia de participar, teve conseqüências trágicas, como no caso de outro jovem estudante que ali marcou a presença da Igreja Batista do Pará e Amapá. No dia seguinte, ele estava excluído da igreja e banido das relações de reciprocidade, adoeceu gravemente, perdeu o emprego e teve que afastar-se dos estudos. Por ser demasiadamente discreto, nada contou para os demais. Somente anos depois o reencontrei no ônibus e fiquei sabendo de seu sofrimento. Sua esposa, então anglicana, ajudou posteriormente na organização do primeiro curso ecumênico de teologia popular e na participação decisiva de sua igreja na composição do Instituto Universidade Popular – UNIPOP.

A grande sementeira do ecumenismo, porém, foi o Movimento pela Libertação dos Presos do Araguaia – MLPA. Os dois padres franceses, Aristides Camio e Françoise Gouriou foram presos em agosto 1981, juntamente com 13 posseiros, após um confronto armado envolvendo os posseiros, contra pistoleiros e agentes da Polícia Federal. Os padres foram acusados de autoria intelectual. Como peça acusatória do processo contra a Lei de Segurança Nacional, constava o Magnificat (Lc 1,46-55) e trechos de um dos sermões, do Padre Aristides no qual ele exortava os ouvintes a praticarem a solidariedade e para tal poderiam olhar o exemplo dos marimbondos que trabalhavam juntos. O Padre Chico era acusado por “andar na companhia do Padre Aristides” (...)”distribuído papéis com cânticos subversivos. Soube-se depois que o Padre Aristides, muito querido na região de São Geraldo do Araguaia, fora procurado pelo tristemente famoso “Major Curió” que lhe solicitava apoio para suas manobras político-ideológicas na área. Como o padre não aceitou, passou a ser alvo de perseguição. Tudo indica que o confronto armado, serviu de pretexto para a acusação e conseqüente afastamento, através de prisão e condenação.

Diante do silêncio das autoridades eclesialísticas, os segmentos católicos progressistas iniciaram um movimento solidário que viria a tornar-se popular e ecumênico. Durante dois anos e meio, o MLPA mobilizou a opinião pública nacional e internacio-

nal. A comissão ecumênica foi criada, logo que a proposta de uma missa foi substituída pela de culto ecumênico, a pedido de uma mulher, desejosa da inclusão dos não-católicos e não-cristãos. Católicos leigos, e em especial mulheres e jovens descobriram no MLPA a importância da participação popular nas celebrações e manifestações de solidariedade. A religiosidade, a arte popular e o lúdico foram incorporados àquela luta pelos direitos humanos, na época principalmente os civis e políticos. Mas a reação da repressão não tardou. Todas as famílias das/os jovens participantes foram visitadas por agentes do regime. “Aconselharam” aos responsáveis a afastá-los/as do movimento, pois a companhia daqueles/as “subversivos/as perigosos/as” iria atrapalhar-lhes a vida, visto que não conseguiriam mais aprovação escolar nem emprego futuramente. A casa pastoral da IECLB estava sob constante vigilância e sempre havia um ou mais carros seguindo sua pastora, sem contudo prendê-la, apesar de que em algumas ocasiões só não o fizeram devido à intervenção de inusitados “anjos de guarda”. Havia o constante perigo de uma invasão domiciliar. O imóvel, sendo da IECLB, de certa forma era uma cobertura institucional, cujo alcance nem nós, nem os órgãos da repressão sabiam ao certo. De qualquer modo, nunca deixamos de marcar o testemunho presente da IECLB. Mesmo assim, todos os Boletins Informativos do MLPA, foram redigidos ali, durante noitadas em claro, seguidas de um bom café matinal, para em seguida serem impressos em vários mimeógrafos ou oficinas de “fundo de quintal”.

Em dezembro de 1983, enquanto estávamos em São Geraldo na inauguração da igreja construída com doações de várias fontes, os 15 presos foram libertados. A Lei de Segurança Nacional havia sido atenuada, contam que foi devido ao mal-estar causado pelas muitas manifestações nacionais e internacionais. Adolescentes e jovens militantes declaravam “eu cresci no MLPA”, “aqui eu aprendi ser ecumênico”, “nosso movimento não pode acabar”...

Quem passou pelo MLPA nunca mais sentiu atração pelas celebrações centralizadas ou monopolizadas por um clero patriarcal e inseguro. Mulheres e jovens passaram a reivindicar seu direito à participação ativa. Anos depois o massacre de Eldorado dos Carajás reuniria remanescente, em celebrações mensais, em praça pública. Percebia-se, então, que o exercício da inclusão estava sendo praticado em algumas comunidades. Se na época do MLPA, a atitude ecumênica era visível através das celebrações coordenadas por alguns padres católicos e a pastora luterana, menos de uma década depois, várias outras igrejas iam se fazendo presentes, na fundação da UNIPOP e, posteriormente no Conselho Amazônico de Igrejas Cristãs – CAIC, participando nos respectivos cursos de Teologia.

4. Retrospectiva

Durante muito tempo eu pedia iluminação e apoio divino para conseguir juntar aquelas famílias, constantes da lista do Pastor Baeske e formar uma comunidade da IECLB em Belém. A iluminação e a providência divina vieram de maneira diferente da solicitada. A comunidade até hoje está em formação, mas com gente que aqui mora definitiva ou temporariamente. Bastante diferente de outras comunidades co-irmãs

compostas de “luteranos/as de origem germânica” ou “sulista”, a PCLB de hoje é um exemplo de inculturação do Evangelho, através da atitude luterana. O grupo de jovens escolheu a sigla JAL, Juventude Atitude Luterana, as mulheres “batizaram” seu grupo de Vitória Régia e o Projeto que abrange vários programas sócio-culturais é denominado “Mururé”, aquela planta aquática que livra a água de poluição. A abertura para os valores cristãos, presentes na cultura regional, permitiu assimilar alguns costumes promotores da solidariedade cristã e rejeitar outros em oposição às formas de discriminação e exclusão, que vêm aniquilando a auto-estima de pessoas fragilizadas por longos processos de submissão. O desafio de detectar e engajar os variados talentos para as múltiplas tarefas, é constante e nada fácil. Mas, apesar das muitas perdas e constantes adversidades, há sinais de perseverança, na prática do ensino, da comunhão, da partilha do pão e da oração (At 2,42).

Rosa Marga Rothe e Cibele Kuss
pastoras na Paróquia de Confissão Luterana em Belém
e-mail: pclb@nautilus.com.br.